



CAMINHOS PERCORRIDOS: AS OFICINAS PEDAGÓGICAS COMO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA DE PESQUISA

Felipe Costa Aguiar¹

Regina Frigério²

Resumo: Este ensaio tem o objetivo de apresentar as oficinas pedagógicas como metodologia de pesquisa. Para tanto, introduzimos as referências bibliográficas que têm nos inspirado no uso das oficinas pedagógicas como metodologia de ensino. Logo, evidenciamos a forma como esses preceitos têm sido levados para o campo da metodologia de pesquisa e apresentamos três Trabalhos de Conclusão de Curso que lançaram mãos das oficinas como metodologia de pesquisa, utilizando-as na produção e interpretação de dados sobre a realidade escolar. Ao final, concluímos que as oficinas pedagógicas se revelam como uma metametodologia de pesquisa, pois abarcam diferentes métodos e permitem adequações a diferentes realidades, sempre a partir da particularidade de cada trabalho, e nunca por meio da repetição de padrões.

Palavras-chave: Educação. Metodologia de Pesquisa. Oficinas Pedagógicas.

Abstract: This essay aims to present as pedagogical workshops as a research methodology. In order to do so, we introduce as bibliographical references that have inspired us in the use of pedagogical workshops as a teaching methodology. Therefore, we show how these precepts were taken to the field of methodology and we present the course conclusion works that advanced in the hands of the workshops as a research methodology, using them in the production and interpretation of data about the school reality. At the end of the methods, we concluded that from a workshop of different realities and adaptations, from a workshop of different realities, we can start to research as a workshop of different pedagogical methods from a research as from a research of different realities, and never through repetition of work patterns.

Keywords: Education. Research Methodology. Pedagogical Offices.

Artigo recebido em: 20/01/2022

Artigo aprovado em: 18/02/2022

¹Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes-RJ. E-mail: felipeaguiar@id.uff.br.

²Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes-RJ. E-mail: reginafrigerio@id.uff.br.

O caminho se faz andando

*Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Chico César*

Este ensaio versa sobre um caminho que se fez possível no ensino e na pesquisa em ensino de Geografia, as oficinas pedagógicas. Ele traz à tona as lembranças, desafios e invenções dos autores caminhantes – tanto professora orientadora quanto professor orientando, ambos *oficineiros*³ dedicados ao desenvolvimento das oficinas pedagógicas como metodologia de pesquisa.

Como disse Chico César na música *Deus me Proteja*, “*caminho se conhece andando*”, e não está sendo diferente com a descoberta das oficinas pedagógicas como possibilidade metodológica de pesquisa.

O caminho em que essa descoberta tem sido desvelada é de muitas bifurcações e, conseqüentemente, de várias escolhas. Essas, por sua vez, nos impuseram a responsabilidade de fazer escolhas metodológicas, ideológicas, conceituais, pessoais e profissionais. Essa é uma longa caminhada (de pelo menos 20 anos) que teve parte dela narrada na tese “*Oficinas Pedagógicas De Geografia: Costurando Narrativas De Experiências Da Vida Docente*”:

As Oficinas pedagógicas sempre estiveram presentes em minhas práticas pedagógicas me encantando e inquietando. Carreguei as aprendizagens que obtive com elas, desde o início de minha formação, realizando as disciplinas pedagógicas (em especial as Práticas de Ensino), levando-as para a escola de educação básica por onde passei como professora de Geografia. Depois, usei-as no trabalho com Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado, na formação de professor de Geografia, e com a disciplina Conteúdo e Metodologia do Ensino de Geografia, no curso de Pedagogia, na UFES. Nos últimos anos tornei-me professora da UFF, trabalhando com as disciplinas Práticas Educativas e Estágio Supervisionado no projeto de PIBID em Geografia (FRIGÉRIO, 2018, p. 42).

³Termo utilizado por Frigério (2018) para nomear os professores que se lançam no desafio de ensinar por meio das oficinas pedagógicas.

Nas muitas bifurcações dessa perambulação *teóricoprática*⁴ desafios surgiram, como, por exemplo, descobrir **como pesquisar com oficinas pedagógicas**, haja vista que as atividades de ensino, pesquisa e extensão dos autores são albergadas por essa metodologia que até então sempre foi priorizada no ensino e na extensão. Junto a isso, em nossos caminhos de pesquisa também surgiram preocupações como: **quais seriam as melhores bases teóricas para elaboração e execução das oficinas? Como poderíamos produzir dados qualitativos e como os dados poderiam ser interpretados?** Isto, pois, se as oficinas pedagógicas não se constituem como as metodologias de ensino tradicionais, o mesmo vigora quando transpomos os seus valores para as metodologias de pesquisa.

Diante desses desafios, três Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) realizados no âmbito da Licenciatura em Geografia da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes – RJ, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, foram elaborados e frente a essas bifurcações criaram pistas de saídas para os alguns imbróglios, sendo eles “*Docentes em situação de gênero: cartas à Formação de Professores de Geografia*”, “*Patrimônio geológico e geoconservação: o Morro do Itaóca como potencialidade no ensino de Geografia*” e “*As geotecnologias e o ensino remoto chegaram às escolas: e agora, professor?*”. Vale destacar que, pela superação dos desafios supracitados, esses TCC’s foram selecionados por representarem a transição no foco das pesquisas sobre a temática “oficinas pedagógicas” que estão deixando sua exclusividade como metodologia de ensino e estão se apresentando como possibilidade de metodologia de pesquisa.

Para melhor explicitar essa andança *teóricoprática*, na primeira seção do texto, evidenciamos conceitualmente as oficinas pedagógicas como metodologia de ensino, certa vez que esse é o âmbito em que a pesquisa com as oficinas pedagógicas surge.

⁴Nas pesquisas em educação, com base nas pesquisas com os cotidianos, torna-se comum a aglutinação de palavras que, nos cotidianos das escolas, não fazem sentido ao serem separadas, pois vigoram em conjunto.



Por conseguinte, fizemos uma análise documental dos três TCC's mencionados, com o objetivo de demonstrar as **bases teóricas selecionadas, os métodos utilizados para a produção e interpretação dos dados.**

À guisa de síntese, ao final do trabalho, evidenciamos como as oficinas pedagógicas se destacam em nossas práticas como metodologia de pesquisa e, portanto, campo fértil de produção de conhecimento na/sobre/com a formação de professores de Geografia.

As oficinas pedagógicas nos caminhos do ensinoaprendizagem

*Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Chico César*

Em nossa trajetória de ensino e pesquisa com as oficinas pedagógicas, os desafios do cotidiano escolar se impuseram a nós. Considerando o compromisso que temos com a Educação Escolar, vimos a necessidade de repensar o nosso próprio trabalho e, conseqüentemente, os métodos utilizados em sala de aula.

Trabalhar assim, como professor oficinairo, requer especial tempo de estudo/pesquisa, criação, planejamento e organização de nossas próprias práticas, tornando-as possíveis às diferenças de realidades escolares, com uma estrutura aberta a criações, com porosidade ao engajamento de histórias de vida, com potência vigorosa à produção de conhecimento (FRIGÉRIO, 2020, p. 46).

As oficinas pedagógicas podem ser comparadas ao fazer cotidiano em um atelier de costuras:

são como *espaçotempos* em que se produzem conhecimentos a partir de fios, tecidos, retalhos e aviamentos cotidianos carregados pelos seus sujeitos praticantes e costurados através da investigação, da ação e da

reflexão, de forma cooperativa e sempre deixando fios soltos para novos conhecimentos no devir (FRIGÉRIO, 2018, p.109).

Nesses *espaçotempos*, os professores alinhavam os saberes científicos aos saberes experienciais para cumprir os seus objetivos de aula. As teorias científicas que os docentes trazem da formação inicial e continuada se dissolvem em meio às histórias de vida dos alunos e às tramas existenciais tecidas pelas experiências. Por isso,

[...] a oficina pedagógica desponta como possibilidade de metodologia na formação de professor, pois ela apresenta como característica a fluidez e movimentos artesanais na sua elaboração e em sua execução, possibilitando o encontro com a experiência, dando ao professor ferramentas para sua própria formação, pois permite que ele dê sentidos a suas práticas e, assim, construa e reconstrua suas identidades, que podem ser tão fluidas quanto os dias em que vivemos (FRIGÉRIO; STRAFORINI, 2017, p. 3541).

Ao oficiarem, os professores já não são mais reprodutores do que os manuais de como dar aula impõem, assim se fazem artesãos das próprias aulas e, portanto, do conhecimento; eles são os *praticantespensantes* do trabalho docente (OLIVEIRA, 2002). Eis então a potência das oficinas pedagógicas:

Essa potência é própria do que estou denominando movimento artesanal na docência. Movimentos artesanais na formação da identidade profissional docente, nessa perspectiva, são aqueles que emanam das relações cotidianas de parceria entre professores e licenciandos, durante sua constante formação, incluindo o cuidado com a diversidade, mas considerando a experiência de si, através das narrativas produzidas e aqui entendidas como processo dialógico. São movimentos que fogem da massificação de procedimentos divulgados como treinamento nos meios de comunicação. As ações pedagógicas, aqui denominadas como movimentos artesanais, nascem da disponibilidade do tempo para pensar o que, o como e o por que fazer, proporcionada pela dinâmica e organização da oficina, com autonomia, originalidade e criatividade. Como artesãos do conhecimento, na oficina pedagógica, produzem suas aprendizagens no encontro com o outro, que também aprende. As oficinas favorecem essas possibilidades, pois proporcionam condições para reflexão-ação-reflexão (tempo, provocações cognitivas, ação em grupo, dentre outras disponibilidades que

o professor usualmente não tem para sua formação docente continuada) sobre o cotidiano docente. (FRIGÉRIO, 2018, p. 194).

Os docentes, que ao ofcinarem se tornam artesãos da própria prática, se libertam das amarras impostas pelas regulações da profissão; os discentes, ao experienciarem as práticas criativas e criadoras podem se tornar autônomos, se liberam das amarras dos conhecimentos arbóreos e cerceadores.

Na inventividade própria das oficinas pedagógicas, cada cotidiano impõe aos professores desafios particulares. E como *praticantes pesantes* do próprio trabalho, os docentes elaboram saídas para as idiossincrasias das salas de aula, sendo essa relação o ponto fulcral ao tratarmos das oficinas pedagógicas como metodologia de pesquisa, isto é, a tessitura de particularidade, método e prática educativa.

As oficinas pedagógicas nos caminhos da pesquisa

*Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber
Chico César*

As *sendas* abertas pelas oficinas como metodologias de ensino nos angustiavam e nos imputavam a necessidade de aproveitar ao máximo todas as possibilidades de construção de conhecimento que essa metodologia nos possibilitava. A passos cotidianos, descobrimos que aquele modo de trabalhar as aulas, que até então era uma metodologia de ensino, ensinava-nos muito mais do que o cumprimento dos objetivos de aula. As oficinas pedagógicas iam além do que os procedimentos das sequências didáticas discriminavam e, conseqüentemente, nos faziam descobrir coisas que não prevíamos, nos deslocavam, nos desestruturavam e nos forçaram a reestruturar-nos, ou seja, nos faziam pesquisar.

Para evidenciar como as oficinas pedagógicas têm se desvelado como metodologia de pesquisa, apresentamos três TCC's realizados no âmbito da Licenciatura em Geografia da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes – RJ, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional. Dentre os três, os de Aguiar (2019) e Araujo (2019) já se encontram defendidos, e o de Silva (2022) está em fase de escrita, mas já apresenta resultados sobre a pesquisa com oficinas pedagógicas.

Cada um dos autores buscou nas oficinas pedagógicas a possibilidade de elaboração de uma metodologia de pesquisa particular e autêntica, lançando mão de bases teóricas específicas e métodos de produção e interpretação de dados condizentes com cada realidade de pesquisa. Nesses trabalhos, as oficinas pedagógicas não foram apêndices das pesquisas, pelo contrário, todos os procedimentos metodológicos surgiram com as oficinas, sendo elas o verdadeiro *locus* de pesquisa.

Em 2019, Aguiar (2019) realizou o primeiro dos três trabalhos, tomando como base teórico-metodológica a tese de Frigério (2018), no momento recém defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas, sendo esse o primeiro trabalho orientado pela professora após o seu doutoramento.

Com viés fenomenológico-hermenêutico, o trabalho de Aguiar (2019) foi intitulado “*Docentes em situação de gênero: cartas à Formação de Professores de Geografia*”. Nele, o autor investiu nas oficinas pedagógicas como metodologia de pesquisa e ensino, sendo ela o lugar onde se deu tanto a produção e coleta de dados, quanto a interpretação deles. O autor objetivou elaborar formas de trabalhar gênero na formação de professores de Geografia através das experiências dos próprios docentes.

A oficina pedagógica que albergou a pesquisa de Aguiar (2019) foi intitulada “*A arte de oficiar no ensino de Geografia: o ser em situação de gênero*”. Segundo o autor, a oficina pedagógica em questão foi *praticadapensada* a partir dos encontros que teve com as questões de gênero em diferentes momentos da Licenciatura. Sendo a maioria deles encontros

desagradáveis, o que foi o estopim para a identificação da carência dessa temática tanto na formação de professores de Geografia quanto na Geografia Escolar.

A oficina pedagógica de Aguiar (2019) transitou entre Geografia, Arte e Histórias de vida com o intuito de buscar na narrativa das professoras a compreensão acerca das experiências e dos lugares que elas viveram enquanto mulheres, para então, ressignificar as questões de gênero na Geografia Escolar.

A base teórica do trabalho em questão transita entre as fenomenologias de Simone Beauvoir e Martin Heidegger. Sendo Beauvoir quem possibilitou a compreensão das experiências de gênero como construções históricas e sociais dos corpos, e Heidegger quem possibilitou o entendimento do gênero enquanto modo de ser do ser-no-mundo que se faz real em lugares, palavras e experiências.

O autor lançou mão das narrativas de si como um processo de escrita autobiográfica onde o professor pode buscar a compreensão de si e de sua própria prática profissional, o que permitiu que os dados qualitativos fossem criados por meio de atividades de dramatizações, mapas experienciais e debates. Nesse caso, a interpretação dos dados se deu junto a sua produção, sendo toda narrativa um ato de interpretação da vida narrada e, portanto, produção de conhecimento.

Toda a oficina culminou na recondução biográfica das professoras, momento em que todas criaram e executaram uma atividade entre o grupo participante, utilizando as narrativas de si que elaboraram nas problematizações das questões de gênero para criarem novas práticas em Geografia Escolar com o objetivo de tensionar as experiências de gênero nas aulas de Geografia.

Também em 2019, Araujo (2019) defendeu o TCC intitulado “*Patrimônio geológico e geoconservação: o Morro do Itaóca como potencialidade no ensino de Geografia*”, que buscou apresentar o Morro do Itaóca como exemplo de um local que se insere dentro das características de um Patrimônio Geológico, e de quais formas esse tema pode ser trabalhado no ensino da Geografia, de modo a exemplificar práticas pedagógicas para o ensino de

Geografia Física com enfoque em Patrimônio Geológico e Geoconservação e, conseqüentemente, formar multiplicadores a fim da divulgação científica a públicos nas escolas, nos âmbitos social e acadêmico.

Para tanto, a autora realizou uma pesquisa bibliográfica documental sobre os documentos curriculares nacionais: PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) e BNCC (Base Nacional Curricular Comum) com a finalidade de debater a importância da presença dessas temáticas nos currículos. Além das leis do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e a Lei Municipal de criação da Área de Proteção Ambiental Serra do Itaóca – Waldeir Gonçalves. Em seguida, Araujo (2019) realizou um Trabalho de Campo no Morro do Itaóca para investigar as potencialidades da área e fazer um levantamento de informações e pontos de interesse geológico, o que comporia o roteiro de campo da oficina pedagógica denominada “*Visitando o Itaóca: Patrimônio Geológico, Geoconservação e Ensino de Geografia Física*”.

O público-alvo da oficina foram os licenciandos em Geografia da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes – RJ, que no momento estavam cursando a disciplina de Geologia. Araujo (2019) apontou que esse público-alvo foi escolhido devido a necessidade de preparar os licenciandos que, quando formados, atuarão na Educação Básica como possíveis multiplicadores das ideias e conceitos discutidos na disciplina de Geologia.

Na oficina, a autora partiu de desenhos dos participantes para tensionar os sentidos atribuídos por eles ao conceito de patrimônio, tendo em mente compreender o patrimônio como elemento fundamental para a identificação do indivíduo com seu meio, entendendo-o como possibilidades e condição de intervir na realidade.

Logo, houve o estudo das propriedades físico-naturais do Granito, elemento que compõe o Maciço do Itaóca. Segundo Araujo (2019), o estudo dessas características foi fundamental para que os licenciandos tivessem conhecimento específico sólido para elaborarem atividades que visassem a constituição do Morro do Itaóca como um Patrimônio

Geológico, algo que no primeiro momento era distante da realidade de muitos alunos da cidade de Campos dos Goytacazes – RJ.

Como culminância do projeto, os participantes da oficina criaram um conselho consultivo onde propuseram um projeto de distribuição de verba para uma Unidade de Conservação (UC). No conselho, os conceitos de Patrimônio Geológico, Geoconservação e Unidades de Conservação junto aos estudos das características físico-naturais da área do Itaóca foram a base para todo o debate dos grupos.

Araujo (2019) conclui que a metodologia de oficinas pedagógicas lhe permitiu ir além do ensino, somente, e levou os licenciandos a se tornarem agentes da sua própria prática, à medida que, durante a oficina, desestabilizaram os conceitos citados no parágrafo acima e criaram, como artesãos da própria prática pedagógica, a simulação do conselho consultivo, sendo ela o produto final dessa intervenção que torna a Educação Patrimonial uma potência nas salas de aula de Geografia.

Na mesma direção, Silva (2022) investiu nas oficinas pedagógicas em uma pesquisa com professores da Educação Básica no período de Ensino Remoto, sendo nomeada por “*As geotecnologias e o ensino remoto chegaram às escolas: e agora, professor?*” Essa oficina foi elaborada e executada no ano de 2021.

Assim como Aguiar (2019) e Araujo (2019), Silva (2022) lançou mão das oficinas pedagógicas tanto como metodologia de ensino, no caso da formação continuada dos professores participantes, quanto metodologia de pesquisa, haja vista que o autor produziu e interpretou dados sobre o modo como os docentes utilizavam as geotecnologias no período de Ensino Remoto.

O trabalho do autor teve como objetivo elaborar formas de trabalhar as geotecnologias no ensino de Geografia. Nessa empreitada, os professores participantes produziram narrativas de si que expusessem como trabalham as geotecnologias no ensino remoto, o que permitiu que o grupo compartilhasse os seus anseios, triunfos, recursos, medos, falhas e vulnerabilidades.

No primeiro momento da oficina, as narrativas dos professores produziram dados para que oicineiro conseguisse entender o que os docentes imaginavam ser as geotecnologias e quais tipos de práticas educativas eles desenvolviam, além de possibilitar o compartilhamento dos saberes docentes entre o grupo de participantes. No segundo momento, os dados produzidos, ao serem interpretados, permitiram que Silva (2022) estabelecesse a intervenção que faria com o grupo de professores, levando em conta os pontos evidenciados nas narrativas, entre eles a dificuldade com o uso das tecnologias, o desafio de trabalhar os conteúdos disciplinares da Geografia via diferentes recursos digitais e a produção de material próprio, como mapas e imagens.

Como culminância da oficina, Silva (2022) possibilitou que os professores participantes criassem atividades que envolvessem o uso de geotecnologias no Ensino Remoto, exercitando todos os saberes compartilhados anteriormente, já deslocados pelas atividades propostas durante a oficina e pelas narrativas do grupo.

Por fim, faz-se necessário destacar que as narrativas foram os dados da pesquisa produzidos na e pela oficina. Ou seja, foram essas narrativas que forneceram as pistas necessárias para a compreensão das questões de investigação propostas pelo autor. Além disso, os professores, ao refletirem e interpretarem suas próprias práticas profissionais, consequentemente promoveram sua formação continuada a partir de movimentos de auto interpretação e elaboração de atividades via orientação coletiva.

À guisa de novos caminhos

Nos caminhos das oficinas pedagógicas nos encantou a possibilidade de fazermos ensino e pesquisa ao mesmo tempo. Se na formação de professores as oficinas permitem reflexão-ação-reflexão, como metodologia de pesquisa cabia a ela nos promover ensino-pesquisa-ensino, pois acreditamos que tudo que se realiza na sala de aula é voltado para o *ensinoaprendizagem*, até mesmo as práticas de pesquisa. Reside nas oficinas pedagógicas o



desejo de *ensinaraprender* por meio da pesquisa e de pesquisar por meio do *ensinoaprendizagem*, sem fazer com que um se sobreponha em relação ao outro.

Nessa empreitada, as oficinas pedagógicas são múltiplas e abertas, sempre correspondentes aos objetivos de pesquisa e às realidades pesquisadas:

Aqui, esbarramos em um problema que deve ser esclarecido antes de continuarmos. Trata-se da dificuldade imposta a toda metodologia que pretende inovar, substituindo as vigentes: na medida em que nega as anteriores, não pode ser explicada por elas, exigindo, de si mesma, a construção de uma verdadeira “metametodologia” (LAURITI; MOLINARI, 2014, p. 225).

Assim, imersos nas salas de aula, ousamos entender as oficinas pedagógicas como metametodologia (FRIGÉRIO, 2018), pois sua fluidez e poética própria movimentam a construção do conhecimento por meio da invenção do novo. Enquanto metametodologia, as oficinas pedagógicas não só buscam inventar o novo, mas principalmente criar o modo de acessá-lo, sendo esse o esforço de cada um dos três TCC’s aqui citados, isto é, lançar mão das oficinas pedagógicas como modo de criação de novos caminhos para alcançar as realidades pesquisadas.

Referências

AGUIAR, F. C. **Docentes em situação de gênero:** cartas à formação de professores de Geografia. Orientadora: Regina Frigério. Coorientador: Antonio Bernardes. 2019. 116f. TCC (Graduação) – Curso de Geografia, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goyataces – RJ, 2019.

ARAÚJO, R. A. de O. **Patrimônio geológico e geoconservação:** o Morro do Itaóca como potencialidade no ensino de Geografia. Orientadora: Thiago Silva. Coorientador: Regina Frigério. 2019. 66f. TCC (Graduação) – Curso de Geografia, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goyataces – RJ, 2019.



FRIGÉRIO, R. **Oficinas Pedagógicas de Geografia: Costurando narrativas de experiência da vida docente.** Campinas-SP, 2019. 213f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

FRIGÉRIO, R. Em outros espaços e com outras ferramentas... oficinas pedagógicas na escola. **Revista Giramundo**, v. 7, p. 43-55, 2020.

FRIGÉRIO, R.; STRAFORINI, R. **Rasgando moldes de apoderamento com oficinas pedagógicas: o planejamento como possibilidade de empoderamento docente.** In: 13º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 2017, Belo Horizonte- MG. 13º-ENPEG: Conhecimentos da Geografia: Percursos de formação docente e práticas na educação básica. Belo Horizonte: ICG, 2017. p. 1369-1379.

LAURITI N. C.; MOLINARI, S. G. S. **Perspectivas da alfabetização.** vol. 1 Coleção Pedagógica de A a Z. São Paulo: Paco Editorial, 2014. 243p.

OLIVEIRA, I. B. **O Currículo como criação cotidiana.** Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2012.